

CANCIONES PARA DESPUÉS DE UNA GUERRA /1971

Um filme de Basilio Martín Patino

Realização: Basilio Martín Patino, com a colaboração de José Luis Peláez, José Luis Garcia Sanchez, Alfredo Alcain , José Luis Alcaine, Julio Perez Tabernero e Enrique Blanco / Documentário com a participação de personagens históricos e anónimos dos anos quarenta

Cópia: DCP, cor e preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português / Duração: 104 minutos / Estreia em Espanha: Barcelona, Setembro de 1976 / Inédito comercialmente em Portugal. Primeira exibição na Cinemateca a 22 de abril de 1986 ("Panorama do Cinema Espanhol").

Basilio Martín Patino foi, em 1965, autor de um dos mais importantes senão o mais importante filme do que se chamou a "nueva ola" de Espanha. Os que se recordam dele (por cá chegou a ser apresentado no âmbito do Encontro do Cinema Português no Porto em 1968) lembram a rigorosa construção e a riqueza simbólica de "Nueve Cartas a Berta" escritas por um jovem espanhol à filha dum exilado republicano que conhecera numa viagem ao estrangeiro. Com ele assistíamos às transformações e interrogações que a si própria começava a colocar-se a geração dos "vencedores".

"Nueve Cartas..." valeu a Patino a fama e não poucos dissabores, com a censura e uma estadia na prisão. Com o fracasso do seu filme seguinte "Del Amor y Otras Soledades", Patino afasta-se do sistema comercial, trabalhando noutra profissão e fazendo o cinema que quer. Deste modo surgem estas "Canciones...", e depois "Queridísimos Verdugos" (1973) e "Caudillo" (1976), que assumem o modelo do primeiro: a montagem de documentários e outros materiais de época para fazer o que se pode chamar uma revisão de história da Espanha moderna. Marcel Oms diz que "Canciones..." é "um exercício de virtuosismo onde, em contraponto permanente, jornais de actualidades, extractos de documentários, recorte de imprensa e fotografias dialogam com as músicas em moda que a rádio injectou ao povo espanhol depois da vitória de 1939.

"Canciones..." abre, em pré-genérico, com o desfile da vitória em Madrid ao som do hino da Falange: "Cara ao Sol", a que se segue, logo após o título do filme, uma outra carregada de "revanchismo": "Ya hemos Pasado", resposta ao slogan republicano da guerra "No pasarán", que ilustra as imagens da limpeza das cidades dos sinais dos vencidos, e termina cerca de quinze anos, com a chegada do barco "Semíramis" onde regressam os prisioneiros espanhóis na União Soviética. Entre os dois momentos é o desfile dum série de imagens que mostram as transformações e adaptações do Franquismo às novas realidades na Europa e no mundo. A redução de cerca de quinze anos a pouco mais de hora e meia permite-nos ver com mais clareza que elas se fazem à custa de inúmeras contradições não visíveis no seu tempo porque uma propaganda maciça se encarregava de escondê-las: vejam-se as manifestações contra a recém criada ONU que arrastam centenas de milhares de espanhóis gritando slogans contra o ianques para, logo a seguir, a situação se inverter graças ao "plano Marshall".

Mostrar quinze anos de história, ainda por cima dum história próxima e polémica, arrasta quase sempre o seu autor ou para o panfleto ou para a nostalgia. "Canciones..." consegue a proeza de evitar os dois escolhos, Scilla e Caribdes dos documentaristas. O resultado foi que em 1971 o filme é acusado de "comunista e insultuoso para o exército" e proibida a sua exibição. Só cinco anos depois os espanhóis o poderão ver para então enfrentar outro tipo de acusações e quase considerado um filme de direita.

"Canciones..." não é um mero documentário. A sua elaboração foi submetida a uma série de processos que dão novos sentidos às imagens. A base destas é, no fim de contas, a matéria prima da propaganda do regime: Noticiários "NO-DO" e documentários oficiais, filmes de "interesse nacional", recortes de imprensa, publicidade e emissões de rádio. As imagens foram submetidas a tintagens, sobreimpressões, alterações de velocidade, etc. A montagem contribui para uma reflexão com o seu toque de ironia e, se me permitem fazer o gosto à citação, aponto uma das mais evidentes na simplicidade e significado: a chegada dos altos dignitários norte americanos montada com a apresentação dos índios aos Reis católicos por Cristovão Colombo (imagens do filme "Alba de América" com António Vilar).

Pelo filme de Patino passam as diversas facetas da vida espanhola dos anos quarenta: as restrições e o racionamento durante a Segunda guerra mundial, o plano de recuperação dos jovens mendigos, órfãos e deserdados da guerra, o Socorro Social e a miséria, o isolamento e a abertura que se começa a verificar no fim da década, "El Gordo" como objetivo, o futebol e os "toros" como derivativos (a canção "Manolete" e as imagens do enterro do grande toureiro), a nova moda que a invasão norte americana com o plano Marshall, a publicidade e o cinema, trazem aos espanhóis. Esta última parte proporciona outra excelente utilização da montagem onde os personagens e a música de "Benvindo Mr. Marshall" saudam a chegada das estrelas de Hollywood que descobrem a Espanha como local de férias ou de trabalho. O cinéfilo facilmente reconhecerá Ava Gardner ao tempo de "Pandora" com Mario Cabré, a nova coqueluche do toureiro, Cary Grant e Frank Sinatra quando se preparavam para filmar "Orgulho e Paixão", Gregory Peck com a barba do capitão Ahab de "Moby Dick", Danny Kaye, Gary Cooper, Joan Fontaine e outros.

A febre da publicidade tem um momento particularmente engenhoso. A meio do filme, quando numa exibição comercial se costuma fazer o intervalo, Patino intercala uma série de diapositivos com marcas publicitárias dos anos quarenta ao som da cantiga popular "Raskayu" e terminando com o *trailer* do filme a exhibir "a seguir": "Louca por Amor". Noutros momentos, o humor não estará assim tão amenizado, terá mesmo o seu não sei quê de cruel: as imagens do racionamento, mercado negro e bichas para comprar alimentos ao som da popularíssima "Mi vaca lechera" que por cá também foi muito cantada (Muitos ainda se devem lembrar dela: Tenho uma vaca leiteira/Não é uma vaca qualquer... etc., etc.)

Disse um pouco mais atrás que o filme consegue evitar cair no panfleto e na nostalgia. Para além do que para isso contribuiu a opção estética, há que ter em conta também outros aspectos, a saber:

A auaencia do comentário. Este costuma ser o calcanhar de Aquiles deste género de trabalhos. As "canciones..." apenas são interrompidas por quatro ou cinco vezes pela memória que uma imagem despertou (a partida dos voluntários espanhóis para o exército alemão: "Branco e negro como é a minha memória destruída"; a morte de Manolete).

A ligação musical. As imagens surgem e "lançam" a canção, sem qualquer referência. São fruto desse tempo. A memória se encarrega de as localizar. Daí que, como é óbvio, um não espanhol possa sentir uma certa dificuldade em acompanhar o filme. O comentário exterior apareceria como redundante e demagógico.

Basilio Martín Patino conseguiu com "Canciones para Después de una Guerra" um dos mais inteligentes e atractivos filmes de montagem da década.

M. Cintra Ferreira